

Entrevista com Vania Dohme

Vania Dohme é Professora, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Publicou diversos livros sobre ludoeducação, entre eles “Técnicas de Contar Histórias 1 e 2”.

Em sala de aula, as histórias servem como ferramenta de aprendizagem. Existe alguma maneira pela qual ela pode ser mais bem explorada?

As histórias dão contexto às diversas situações que enfrentamos na vida, algumas delas difíceis de serem explicadas de forma isolada, por isso as histórias são importantes principalmente para as questões emocionais e comportamentais. Além da reflexão sobre o conteúdo que as histórias proporcionam, elas trabalham com o raciocínio, à medida que a criança acompanha a sucessão de fatos; com a imaginação, à medida que ela desenha cenários na sua mente; senso crítico, à medida que faz seus próprios julgamentos dos acontecimentos; e, como consequência, desenvolve a criatividade pela quantidade de referências que acumula. Para potencializar esses efeitos, podemos usar recursos que possam trabalhar mais a história, por exemplo: depois de contada, as crianças podem fazer um desenho livre sobre a história, pode ser uma passagem, pode ser um personagem, isso fará com que elas elaborem os conceitos apreendidos, permitindo uma maior absorção. Em seguida, pode-se fazer uma exposição de todos os desenhos, isso fará com que as crianças percebam outras formas de se ver a história. Esses trabalhos tão simples são de grande valia para o desenvolvimento da criança. Pode-se usar de atividades mais sofisticadas, como pedir que as crianças façam uma representação livre ou direcionada sobre uma parte da história; podemos até pensar em variações, por exemplo: como será que a bruxa prepara a maçã envenenada para servir à Branca de Neve? Como seria o trabalho dos sete anões na mina? Na história de Cinderela, a fada se atrasou e a moça ficou sem seu lindo vestido, mas foi da mesma forma ao baile; como será que ela fez? Enfim, existem muitas formas: pedir que façam uma apresentação com fantoches, por exemplo, como também diversos jogos que permitam essa expansão do momento mágico da contação da história.

“Contar histórias” funciona apenas com crianças?

Funciona para todas as idades. Na verdade vivemos contando histórias para exemplificar aquilo que desejamos dizer, um fato passado, um testemunho de uma situação análoga acontecida com um conhecido ou com uma pessoa pública. Hoje a propaganda comercial fala muito em “storytelling”, que vem a ser o quê? O produto e a marca envolvem os seus possíveis consumidores com uma história de amor, de heroísmo, de superação.

E o que é o cinema, a televisão, o teatro, se não criar uma situação de envolvimento, se possível, arrebatador, com os seus receptores.

Mas se formos falar da situação formal de contar uma história, da mesma forma que utilizamos com crianças, também é possível, escolhendo-se uma história que seja adequada à compreensão do adulto e, é claro, usando-se das técnicas habituais do contador: cadência no enredo, uso correto da voz, das expressões faciais e corporais.

Existe diferença entre ler e contar histórias?

Muito diferente. Quando se lê uma história para crianças, trata-se do autor se comunicando com as crianças; o leitor figura apenas como um termodinâmico imparcial. Quando se conta uma história, quem se comunica é o contador. Isso faz muita diferença. O contador pode dar

ênfase às partes que julga mais importantes perante a mensagem que deseja transmitir; outro fator é que ele está validando o conteúdo do autor. A criança entende que aquele que conta, que sempre será alguém próximo, pais, avós e professores, concorda com o conteúdo que está sendo transmitindo. E por último, em relação à afeição, embora ler para as crianças seja aconchegante e um ato de amor, a contação é mais íntima, permite maior envolvimento entre os participantes, que acontece com o olhar, os gestos, e um desenrolar apropriado ao *feedback* que os ouvintes estão dando.

Contar histórias é algo que se aprende?

Sem dúvida. Em minha opinião, tudo se aprende, basta querer! O que está errado é se limitar ao fato de que algumas habilidades são inatas e ponto. Se tem, bom; se não tem, que pena!

Contar histórias se aprende e há muito que se aprender, pois o contador de histórias é um ator, com nuances de atuação diferentes, pois um ator, na maioria das vezes, contracena com outros atores e dessa forma vai compondo o entendimento. Mas o contador atua sozinho e dessa forma tem que suscitar todas as emoções. Pensando no contador educador, a responsabilidade é maior, pois ele deve escolher as formas corretas de passar a mensagem educacional e, ao mesmo tempo, encantar...

Como o ator, o contador deve escolher as palavras corretas, a cadência de narração dos fatos com o *timing* adequado, para prender a atenção das crianças, o uso correto de entonação, volume e velocidade da voz e as expressões faciais e corporais. A narração de histórias pode ser acompanhada de recursos auxiliares, como o uso de fantoches, bocões, marionetes, o que também irá necessitar de aprendizado. Nos meus dois livros de técnicas de contar histórias ("Técnicas de Contar Histórias 1 e 2", disponíveis pela Editora Vozes) há muitas dicas.

Como estimular a leitura entre alunos de idades diferentes?

Responder a essa pergunta não é fácil, pois creio que muitos editores, como também os professores, principalmente os universitários, estão procurando essa resposta.

Os jovens nos dias de hoje leem muito pouco, infelizmente. Esse fenômeno que já era marcante em nosso país se intensificou com a internet. Não que ela seja ruim, longe disso; pelo contrário, a internet é uma forma de os jovens obterem mais informações. Mas o que acontece é a rapidez com que essas informações são obtidas, e a sua profusão gera uma impaciência em todos nós; queremos saber de tudo e rapidamente! Assim, ler um livro, para quem nasceu na era digital, torna-se quase um suplício...

Eu acho que o estímulo à leitura é uma atividade constante e incansável; a contação de histórias e a prática da representação estimulam a leitura. Não penso que exigir uma resenha funcione; acredito em criar atividades interessantes que cativem o jovem à participação e que tenham como apoio um livro ou um trecho dele.

Acredito que o professor deva utilizar na sala de aula elementos que façam parte do dia a dia das crianças e jovens de hoje, como filmes, seriados, games, blogs, e procure ligá-los à leitura. Não há necessidade de fazer com que se leia um livro específico; há necessidade de estimular a busca, a pesquisa, o discernimento entre o que é de qualidade e o que não é; deixar que cada um siga o caminho que lhe interesse, que o envolva e o encante. A nós, educadores, não cabe mandar, talvez até, com exagero de retórica, nem se falar em estimular, mas apenas em apontar... para deixar que o mundo mágico dos diversos conhecimentos o cative!